

IIIXX

PESADELOS

Enquanto Alfredo continuava dirigindo os serviços, nosso instrutor, com a permissão dêle, conduziu-nos aos leitos distantes, onde se asilavam os enfermos desatendidos, quanto ao auxílio magnético.

— Precisamos acentuar experiências e aproveitar oportunidades — afirmou Aniceto, sorridente.

Acompanhamo-lo, curiosos, identificando as expressões isoladas, dolorosas ou terríveis, daquelas máscaras mortuárias.

Quando nos encontrávamos a regular distância da zona central, o instrutor esclareceu, em tom grave:

— Desejaria conhecer a extensão dos benefícios colhidos por vocês no Gabinete de Auxílio Magnético às Percepções. Para ajudar eficientemente aos nossos amigos encarnados é necessário saibamos ver com clareza e precisão.

Indicando os doentes imóveis, acrescentou:

— Todos os que dormem nestes pavilhões permanecem dentro do mau sono.

— Mas teremos porventura, nas zonas espirituais, os que estejam em bom sono? — interrogou Vicente, de modo brusco.

— Sem dúvida — respondeu Aniceto, solícito — temos na esfera de nossas atividades os que repousam períodos curtos, quais trabalhadores retos que esperam o repouso noturno, com a tranquilidade dos que sabem trabalhar e descansar, de consciência aliviada.

Fez uma pausa, como quem estudava o melhor

meio de sintetizar, por não perder tempo, e acentuou:

— Mas esses não precisam estacionar, como filhos da sombra, nas construções de emergência de um Pôsto de Socorro.

Em seguida, retomou o fio da lição e continuou:

— Quem dorme em desequilíbrio, entrega-se a pesadelos. Todos êstes irmãos desventurados que nos cercam, aparentemente mortos, são prêsas de horríveis visões íntimas. Vejamos o aproveitamento de vocês. Procedamos a observações rápidas. Antigamente, o inquérito anatômico, o exame das vísceras, a perquirição científica nas células, também aparentemente mortas; agora, a auscultação profunda da alma, a sondagem dos sentimentos, a visão do plano mental.

E, com expressão decidida, concluiu resolutivo:

— Mãos à obra!

Designando-me um corpo envelhecido de mulher, recomendou:

— Você, André, examine detidamente essa irmã. Abstenha-se de tôdas as considerações do plano exterior. Observe-a com tôdas as possibilidades e percepções ao seu alcance.

Sinceramente interessado em atender, não reparei nas ordens que o nosso instrutor transmitia a Vicente.

Procurei esquecer os quadros externos, focalizando aquela máscara feminina com todos os meus recursos mentais. A medida que me despreocupava dos interesses diferentes, observava a sombra cinzento-escura que se ia condensando em torno da fronte. A visão parecia auxiliar-me o poder de concentração. Reconhecendo que o fenômeno se acentuava, não mais lembrei qualquer objeto ou situação exterior. Estupefato, comecei a divisar formas movimentadas no âmbito da pequena tela sombria. Surgiu uma casa modesta de cidade humilde. Tive a impressão de transpor-lhe a porta. Lá dentro

um quadro horrível e angustioso. Uma senhora de idade madura, demonstrando crueldade impassível no rosto, lutava com um homem embriagado. — “Ana! Ana! pelo amor de Deus! não me mates!” — dizia êle, súplice, incapaz de defender-se. — “Nunca! Nunca te perdooarei!” — exclamava a mulher, acrescentando em tom lúgubre — “Morrerás esta noite”. — Vi o infeliz cair, exausto. — “Envenenaste-me com bebida mortal” — exclamava êle lacrimoso — “perdoa-me se te causei algum mal! Sou pai! Ana! preciso viver para meus filhos! Não me mates, por piedade!” — Ela ouviu com frieza e respondeu duramente: — “Morrerás mesmo assim. Tenho a infelicidade de amar-te, a ti que pertences a outra mulher! Não quiseste seguir-me e preciso vingar-me!” Rebolcando-se no asfalto, tornava o infeliz: — “Deus sabe que estou arrependido do meu criminoso passado! Quero viver para o bem, Ana! Perdoa-me por amor do Eterno Pai! Quem sabe poderei auxiliar-te como irmão? Ajuda-me para que te possa ajudar! Não me mates! Não me mates!” A mulher, porém, como se tivesse a maldade agravada, ao ouvir a expressão da virtude, tomou de um pesado martelo e exclamou: — “Deus não existe! Deus não existe! Morrerás, infame!” E, de súbito, crivou-lhe o crânio de marteladas surdas. O homem expirou sem um grito. Logo após, vi a criminoso conduzindo o cadáver em carrinho de mão, através de um trilho êrmo. Acompanhava-lhe os movimentos com interesse. A noite estava muito escura, mas observei a parada junto à via férrea. Sondou os arredores, certificou-se do isolamento em que se encontrava e depôs a estranha carga sobre os trilhos. Via-a dispondo o cadáver para que a cabeça fôsse decapada à passagem do comboio, retirando-se apressadamente, reconduzindo o pequeno carro vazio. Não esperei a máquina de ferro. Segui a mulher que me pareceu inquieta e pensativa. Antes, porém, que depusesse o carrinho no extenso quintal,

vi que arregalava os olhos como louca, cercada de séres que me pareciam bandidos de negras vestes. Era ela, agora, quem acusava estranha embriaguez de pavor. Vencera um pobre homem invigilante, mas, a meu ver, seria vencida por séres mais perversos, talvez, que ela própria: — “Acudam-me! acudam-me!” — gritava espavorida. E continuava a cena, em que a desventurada golfava súplicas em vão.

Senti-me como expectador que precisasse movimentar qualquer socorro. E, graças à Bondade Divina, não experimentei pela mulher infeliz senão a mais viva compaixão. Ao primeiro impulso de revolta pelo crime consumado, recordei as lições já recebidas em “Nosso Lar” e pensei na possibilidade de ser a criminoso alguma pessoa querida ao meu coração. Se Ana estivesse no mundo, ao meu lado, na família do sangue, não desejaria auxiliá-la? Por que haveria de acusá-la, se não lhe conhecia o passado total? Ter-lhe-iam dado a educação na infância, a bênção do lar, a segurança de um afeto sem manchas? Quem sabe viera de longe, como pedra incompreendida, rolando nos abismos do sofrimento? Que laços a uniriam à vítima, igualmente digna de piedade fraternal? Como teria começado o drama doloroso? Não sabia. Enxergava somente a pobre mulher rodeada de sombras agressivas, implorando socorro. Ignorava como ajudá-la, mas recordei que Ana era minha irmã, filha do mesmo Pai, irmã que adoecera no caminho comum, sem que eu pudesse, pelo menos por agora, indagar a causa. Procurava, comigo mesmo, algum meio de auxiliá-la, quando alguém me chamou de súbito.

Era Aniceto que exclamava, bondoso:

— Venha André! Vicente e você têm sabido aproveitar alguma coisa. Estou satisfeito. Seus pensamentos de fraternidade e paz muito auxiliaram essa irmã infeliz. Guarde a certeza disso e continue buscando a compreensão para socorrer e ajudar com êxito. Conforme observaram de perto,

sabem agora que cada um dos que aqui dormem sono atormentado, vivem estranhos pesadelos, de que não podem isentar-se de um instante para outro. Não precisamos comentar qualquer episódio dessas existências vividas em oposição à Vontade Divina. Bastará lembrar sempre que a dívida, em toda parte, anda com os devedores.

E com expressivo olhar, acrescentou:

— Voltemos ao centro. Devemos cooperar na oração.

XXIV

A PRECE DE ISMALIA

Dentro de poucos instantes, reuníamo-nos, de novo, ao grupo.

O administrador fez um sinal luminoso, em forma triangular e observei que todos os cooperadores se puseram de pé, em atitude respeitosa.

— É o momento da oração, no Pôsto de Socorro — disse Alfredo, gentil, como a prestar-nos esclarecimentos precisos.

O Sol desaparecera no firmamento, mas toda a cúpola celeste refletia-lhe o disco de ouro. Os tons crepusculares encheram as vizinhanças de maravilhosos efeitos de luz, muito visíveis agora ao nosso olhar, porque Alfredo, sem que eu pudesse conhecer o motivo, mandara apagar todas as luzes artificiais, antes da oração. No centro dos pavilhões, a sombra se fizera, desse modo, muito intensa, mas o novo aspecto do firmamento, banhado em tonalidades sublimes, dava-nos a impressão da permanência em prodigioso palácio, em virtude do imenso teto azul iluminado a distância.

Fundamente impressionado, procurei convizinhar-me mais do pequeno grupo de companheiros.

Do quadro de colaboradores do castelo, apenas algumas senhoras permaneciam junto de nós, como se estivessem fazendo honrosa companhia à nobre Ismália. Os demais, homens e mulheres, mantinham-se nos lugares de serviço que lhes competiam, não longe das criaturas mumificadas.

Notei que, embora instado, Aniceto esquivou-se à chefia espiritual da oração, alegando que, por